

## ARQUEOLOGIZANDO UMA RELAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA: COMO AS MÍDIAS E A DANÇA ESTIVERAM CONECTADAS AO LONGO DA HUMANIDADE

BIBIANA DE MORAES DIAS<sup>1</sup>; ANA TAÍS MARTINS PORTANOVA BARROS<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – bibianamdias@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – anataisportanova@icloud.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Muito antes da escrita e até mesmo da fala como conhecemos hoje, os seres humanos já utilizavam a dança para se comunicar, para externalizar suas intenções, sensações e crenças. A dança é entendida por nós, em consonância com Baitello Junior (1998), como mídia primária, forma de comunicação original de nossa espécie. Bourcier (2001) ao pesquisar sobre a história da dança, nos mostra que esta vem acompanhando o ser humano ao longo dos séculos e milênios. Muito antes de ser levada para dentro dos palácios - onde se tem início a dança clássica – humanos dançavam para seus deuses, para os fenômenos da natureza, para celebrar e para enlutar-se (STEWART, 2016).

Ao pensarmos sobre como a dança e a mídia se relacionam, logo nos vem a mente o surgimento da internet, com ela o compartilhamento de experiências e a possibilidade de criação de redes que se ligam pela dança foram estimulados e possibilitados de novas formas. Ainda assim, devemos ser céticos em dizer - e este é um dos intentos do presente trabalho –, em concordância com Felinto (2010), que a cibercultura, como hoje é chamado este espaço ao qual nos referimos, não é a única possibilitadora de experiências como essa. O computador e os smartphones são tão relevantes na história e na relação do ser humano com a dança como tantas outras mídias que estudaremos ao longo desta pesquisa, é o que nos diz Zielinski (2006, p. 17) apud Telles (2017, p. 1): "A passagem dos séculos apenas aprimora e aperfeiçoa as grandes ideias arcaicas".

Desta forma, o presente trabalho surge a fim de entender a forma como a dança, em sua condição intrínseca aos indivíduos, se relaciona com as mídias, conjunto de suportes importantes e essenciais à comunicação; para isso nos dispomos a: (a) estudar a história da dança; (b) entender como as mídias se inserem, ao longo do tempo, na história da dança e quais são as consequências disso; e (c) compreender as curvas, ramificações e possibilidades não ditas envolvidas nesse processo.

Por estarmos falando de mídias, consideramos importante também definir o que se entende por mídia, e nesse momento iremos nos limitar a uma definição simples e delimitada, advinda do dicionário<sup>1</sup>:

mídia: mí-di-a [sf] 1 - Toda estrutura de difusão de informações, notícias, mensagens e entretenimento que estabelece um canal intermediário de comunicação não pessoal, de comunicação de massa, utilizando-se de vários meios [...] 5 - Suporte e base tecnológica usados para registrar informações.

Ora, a definição supracitada de mídia fala diretamente sobre o que entendemos pela palavra neste trabalho. Não iremos nos restringir a falar das mídias hoje em vigor, ou das mídias possibilitadas pela tecnologia, nem mesmo

<sup>1</sup> Buscamos “dicionário” no campo de busca do site oficial do dicionário Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 17 de setembro de 2020.

por aquelas que dependem da língua. Entendemos aqui, mídia como qualquer materialidade que busque a comunicação e a expressão.

## 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter bibliográfico e documental, buscamos analisar o objeto de pesquisa a partir do viés teórico-metodológico proposto por nós. Assim, para alcançar nossos objetivos de pesquisa utilizamo-nos de uma perspectiva relativamente nova e que vem ganhando, aos poucos, espaço dentro dos estudos de comunicação: a arqueologia das mídias; ela servirá como embasamento teórico-metodológico para que alcancemos os objetos acima estabelecidos.

Dentre diversos pontos que compõem o que se entende atualmente por arqueologia das mídias, um deles se destaca e é eixo central de nosso trabalho, tendo papel importante nos objetivos do mesmo: a busca por descobrir histórias alternativas (TELLES, 2017). Ora, assim, o esforço realizado ao longo deste estudo será o de entender a história das mídias e da relação destas com a dança de outra forma que não a vigente, nosso objetivo aqui não é realizar um apanhado historiográfico típico; em verdade, é o contrário disso.

Para colocar em prática o proposto, dividimos a metodologia em algumas etapas: (1) realizar uma pesquisa documental e bibliográfica sobre como é contada a história da dança; (2) aplicar a teoria acima explicitada a fim de entender, arqueologicamente, imbricações e particularidades relevantes à nós e muitas vezes esquecidas pelo percurso historiográfico; (3) por fim, analisar, com base no que foi encontrado na etapa 2 como a mídia e a dança se relacionaram ao longo dos tempos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base em Bourcier (2001), entendemos que a dança já estava presente no período Paleolítico (de 200.000 a.C. até 18.000 a.C, período onde também surgia a vida humana na Terra). Com a descoberta da agricultura e o surgimento das cidades as culturas vão definindo melhor suas identidades e cada região passa a ter uma dança específica, ligada aos ritos religiosos. A dança aparece muito presente nos antigos impérios, como Oriente Médio, Egito, entre os Hebreus; na Grécia sua presença e grande valorização também é incontestável, nos evidencia Bourcier (2001).

De acordo com Bourcier (2001) com a chegada da Idade Média a dança começa a rumar para o que chamamos de “dança-espetáculo”. O balé de corte começa a surgir na França, por volta dos séculos XIV e XV, começam a existir “profissionais da dança”, e os grandes ballets de repertório até hoje conhecidos são criados por volta dos anos 1800. A dança clássica é muito marcada pela valorização da técnica e pelos movimentos e passos precisos.

O autor entende que a dança moderna começa a ter seu lugar por volta dos anos 1900, marcada pela relação “entre a voz, o gesto e a emoção interior” (BOURCIER, 2001, p. 244).

Ora, Bourcier (2001), através da perspectiva histórica traçada acima, nos conta de forma linear, com eficiência e riqueza de detalhes, o percurso que a dança teve ao longo do tempo, desde a pré-história até os tempos atuais. Ao analisarmos tal percurso tendo como angulação e como bagagem as perspectivas propostas pela Arqueologia das Mídias, percebemos que provavelmente a relação da dança ao longo da história na verdade têm muitos desvios, galhos,

imbricações, bipartiçãoes e relações que acabam sendo podados ou ignorados a fim de produzir um discurso linear.

Dessa forma, o que nos cabe aqui, para que continuemos caminhando em direção aos objetivos estabelecidos acima, é buscar quais são esses caminhos deixados para trás na escrita da história e entender o que eles nos dizem; procurando, ao longo de nossa trajetória, perceber como a mídia não apenas esteve presente, mas teve papel importante na história da dança.

Observamos, através de Bourcier (2001), que logo quando a vida humana na Terra começou a existir, com ela também surgia a dança. Mas ressaltamos aqui, arqueologicamente, que a mídia, mesmo que diferente da que conhecemos hoje, também começa a surgir ainda na pré-história, pois consideramos, em acordo com Baitello Junior (1998) que o movimento do corpo com a intenção de transmitir uma mensagem, já é um tipo de mídia, chamada pelo autor de mídia primária. As pinturas rupestres, gravações e mesmo as esculturas que datam de outros períodos são formas de perpetuar a manifestação dançada, inauguram assim a mídia secundária nos fala Baitello Junior (1998, p. 13) “O que está em jogo é a durabilidade de uma informação. Consegue-se uma certa permanência da informação no tempo por meio da aprendizagem e da transmissão social.”. Quando se passa a eternizar a dança nas paredes das cavernas, por exemplo, se está demonstrando, através da mídia o que era importante e o que compunha a realidade daquele tempo. A mídia surge de forma natural, do anseio dos seres humanos por transmitir sua mensagem.

Ao, como propõe Silveira (2011, p. 8) “pensar o meio exatamente e sua constituição histórica, bem como o impacto que as mídias, enquanto aparatos materiais, têm na cultura e sobre as nossas relações sociais.”, observamos que a mídia exerce papel muito importante não apenas para que hoje possamos compreender como se davam as relações há milênios atrás, como também para, provavelmente, orientar os próprios indivíduos daquela época sobre sua cultura.

Com o surgimento da escrita, em 4.000 a.C, os textos passam a seguir os mesmos passos do que já era colocado nas pinturas rupestres. Observamos a dança como temática recorrente, seja nos hinos da Grécia Antiga, como nos traz Stewart (2016), seja em passagens da Bíblia Sagrada e em outros escritos hebraicos etc.

Com a chegada da Idade Média, os grandes impérios, e o poder nas mãos da igreja católica, a dança, aparentemente, toma outro rumo e assim permanece até o final da Idade Moderna. A Igreja Católica realizou diversos esforços para proibir a dança em sua liturgia, e por ser hegemônica, conseguiu também afastar a dança das mídias da época. As mídias da época, em destaque as pinturas e esculturas, eram voltadas também para a temática do sagrado, mas com outra abordagem: retratando cenas bíblicas, santos etc, sem fazer menção à dança. No entanto a dança não sai completamente de cena, ela ressurge nessa época, durante a Idade Moderna, com a roupagem da dança clássica. As mídias da época deixaram de retratar o sagrado, pois as coerções sociais hegemônicas exigiam tal comportamento. No entanto, a dança de relação com o sagrado não deixou de existir, ela esteve sempre presente em sociedades tradicionais, em tribos espalhadas pelos diversos continentes, mas fora do epicentro Europeu. As mídias desses outros lugares provavelmente permaneceram tendo a dança e o sagrado como pauta importante, mas não se tornaram tão relevantes hegemonomicamente para serem incluídas na história da dança que conhecemos.

Através do estudo acima realizado podemos perceber como se deu o percurso das mídias através dos anos. Sobre a internet, mídia muito atual, e o ambiente chamado de “cibercultura”, muitas vezes considerado único e superior a

todas as outras mídias, percebemos uma grande semelhança entre essas mídias com aquelas primeiras, arcaicas.

Tem-se em ambas grande envolvimento e participação da comunidade, o controle sobre elas é menor do que em outras mídias, e a possibilidade de interação e comunicação de mão dupla é muito presente. Ora, assim vamos ao encontro daquilo que Felinto (2010) fala sobre a cibercultura: não é que queiramos minimizá-la ou negar suas qualidades, trata-se de entender que o que ela faz nada mais é que um esforço que já vinha sendo realizado milênios antes, mas desta vez contando com o suporte da tecnologia.

#### 4. CONCLUSÕES

Entendemos através da pesquisa realizada, que as primeiras mídias, consideradas “ultrapassadas” por muitos, são hoje reapresentadas, mesmo que com nova roupagem, em nossa sociedade. Tal conclusão é inerente às nossas premissas de pesquisa: Sobre o pensamento arqueológico, nos diz Telles (2017, p. 6): "Zielinski prega por um tempo paleontológico da mídia, insistindo que o desenvolvimento da mídia não é progressivo, indo do mais primitivo ao mais complexo, mas cíclico.". Percebemos que conforme o absolutismo foi se dissolvendo ao redor do mundo algumas pautas voltaram a ser apresentadas abertamente (mas nunca estiveram fora, de fato, do imaginário desses povos).

Assim, é possível que entendamos as mídias não como uma sucessão de novas tecnologias, sobrepondo uma a outra em uma evolução progressista, mas como uma ferramenta do ser humano para manifestar pulsões que estão desde sempre presentes em si.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. Comunicação, Mídia e Cultura. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo. V.12/no. 4. p. 11-16. Out/Dez 1998.

BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

UOL. **Dicionário Michaelis**, 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 17 de setembro de 2020.

FELINTO, Erick. **Em busca do tempo perdido**: O Sequestro da História na Cibercultura e os Desafios da Teoria da Mídia. In: XIX Encontro da Compós. Rio de Janeiro: Compós, 2010. P. 1-13.

SILVEIRA, Fabrício. Arqueologia da mídia: preocupação com os estudos da técnica. Entrevista concedida a Thamiris Magalhães. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Porto Alegre, n. 375, outubro de 2011.

STEWART, Iris J. **A dança do sagrado feminino**. São Paulo: Editora Pensamento, 2016.

TELLES, Marcio. **A(s) Arqueologia(s) das Mídias em Quatro Teses**. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: Intercom, 2017. P. 1-15.